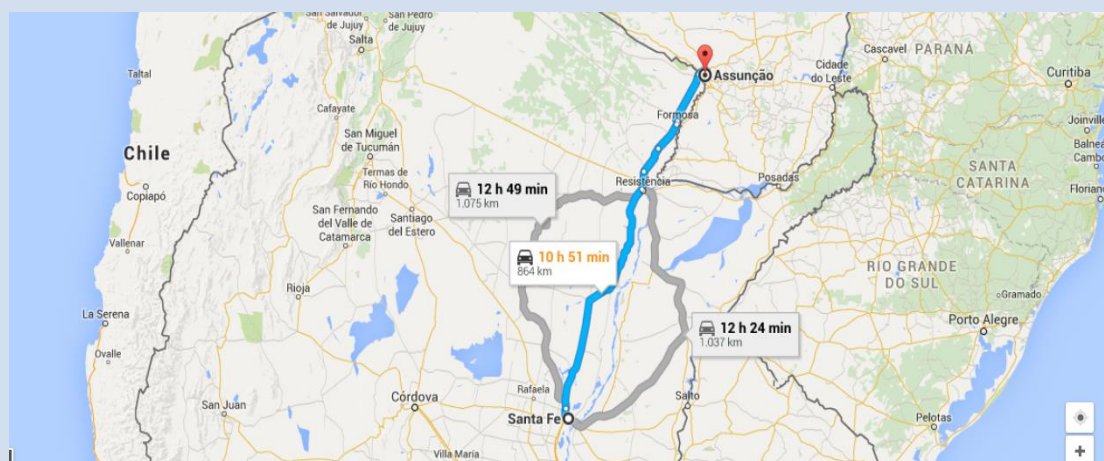
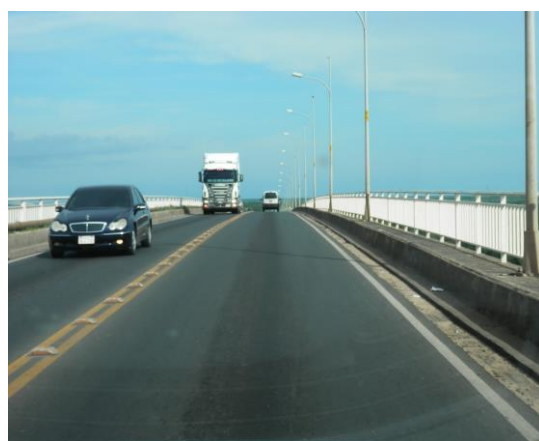
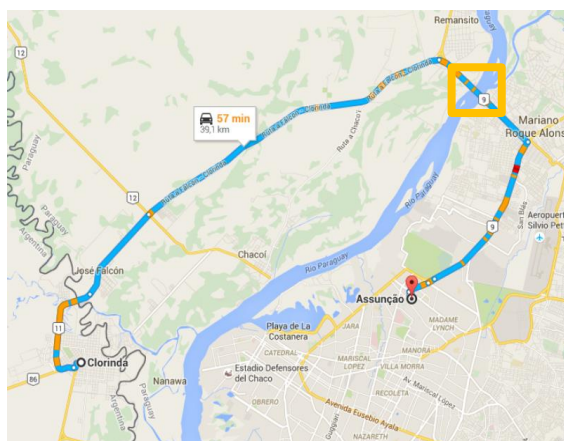




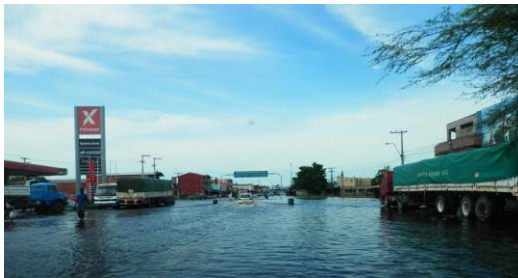
EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

3. ENTRANDO NA ARGENTINA

A entrada na Argentina foi cheia de pequenas emoções, ainda que diferentes das experiências vividas ao atravessarmos a fronteira Brasil – Paraguai. Saímos de Assunção ainda em direção ao norte, para atravessar o rio Paraguai, voltar para o sul e, finalmente, atravessar a divisa antes da primeira cidade argentina, Clorinda. Essa alça perfaz pouco mais de 53 km dos quase 870 que nos separava de Santa Fé, nosso próximo destino.



As chuvas no final de 2015 castigaram esta parte do vale do Rio Paraguai, como todo noticiário anunciou. Muitas casas estão, ainda, submersas e para chegarmos à pequena ponte que, na fronteira, separando o Paraguai da Argentina, possibilita transpor o rio Pilcomayo, tivemos que atravessar uma área alagada, com água na altura de 50 cm. Eliseu engatou a primeira marcha e passamos firmes sem pestanejar até alcançar a ponte e, em seguida, chegamos à aduana. A sequência das fotos registradas de dentro do carro, à medida que cruzamos a área alagada, mostram que era um trecho relativamente extenso todo inundado.



Saímos do Paraguai na dúvida se teríamos episódios desagradáveis na fronteira, ao oficializarmos a entrada na Argentina. Não houve nada inadequado, ainda que os procedimentos tenham sido morosos.

Enfrentamos três pequenas filas: uma primeira em que se apresentam os passaportes e há os carimbos de praxe, uma segunda para oficializar a entrada do veículo e uma terceira para aceder a um guichê em que, simplesmente, nos indicam se devemos ou não passar pela revista e eles decidiram que devíamos passar por ela. Foram retiradas quatro malas médias do carro, todas elas abertas e rapidamente revistas (concluí que a vistoria foi tão superficial que somente uma espingarda teria sido detectada, ou seja, um revolver passava fácil).

Foi tudo feito com educação (ponto positivo para a polícia aduaneira argentina), mas é desagradável que um estranho veja suas roupas, apalpe seus saquinhos de meias, calcinhas, cuecas e fique procurando perceber com o tato não sei o quê dentro da *nécessaire*. Enquanto eu vistoriava a vistoria (tive medo que alguma coisa desaparecesse, inclusive uma das malas, já que isso é feito numa varanda aberta, cheia de gente passando), Eliseu acompanhava o carro que estava sendo escaneado num raio X gigante, montado em um caminhão Scania, que ia e vinha, passando uma espécie de "ponte rolante" sobre o carro.

Livres dos procedimentos burocráticos, perguntamos onde trocar reais ou dólares por pesos argentinos e nos foram mostrados grupos de homens que estavam a 70 metros da aduana, nas poucas sombras existentes para abrigar os mortais do calor de 40 graus.

Antes de aceitar fazer negócio, com aqueles respeitáveis senhores, insistimos com nova pergunta dirigida à autoridade aduaneira: "Não há agências ou postos bancários?" e, gentilmente, o guarda explicou que havia apenas na cidade de Clorinda, mas como era sábado.... Que situação! Precisávamos de pesos para pagar os pedágios que estavam logo ali adiante.

Chegando perto dos grupos de cambistas, fomos logo sendo informados de que havia uma efetiva divisão técnica do trabalho – os que estavam à esquerda da pista da rodovia trocavam dólares e, os que estavam à direita, trocavam reais. À medida que conversávamos, o senhor retirava um enorme bolo de notas do bolso e contava para ver quanto tinha em reais, quanto em pesos e avaliava que taxa de câmbio ele nos daria. Pensa daqui, pensa dali, conversa com outro na sombra e, por fim, informa que pode sim fazer negócio conosco.

A taxa de câmbio não estava das melhores, mas seguimos contentes com pesos no bolso e livres de extorsão na entrada na Argentina (tínhamos tido há poucos anos uma experiência ruim, quando entramos pela fronteira da Província de *Misiones*).

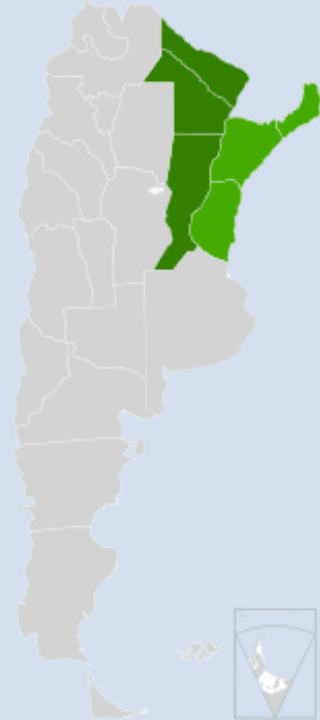
Agora estávamos na grande região que os argentinos chamam de Litoral. O nome, para nós brasileiros, soa engraçado, porque associamos a palavra litoral à nossa costa oceânica e não adotamos, frequentemente, este termo para designar as áreas lindeiras aos rios. No caso deste território, a nomenclatura se deve ao fato de que toda a formação natural e econômica desta região esteve e está diretamente associada à presença da imensa planície formada pelos rios Paraná e Uruguai. Popularmente, a área é chamada de Mesopotâmia (que significa entre rios).

Esta região compreende seis províncias (Misiones, Corrientes e Entre Ríos, em verde claro; Chaco, Formosa e Santa Fé, em verde escuro).

No passado, parte dos territórios que hoje compõem o Uruguai e o Paraguai, faziam parte deste 'litoral'. Toda a geopolítica desta parte do continente latinoamericano, tem um antes e um depois da Guerra do Paraguai.

Assim, por estarmos nesta grande planície, os mais de 800 km que deveríamos percorrer no dia 2 de janeiro de 2015 foram cortados por uma estrada praticamente sem aclives e declives e com muito poucas curvas.

Nos primeiros quilômetros dominavam pastagens para gado bovino em meio a resquícios de formações vegetais adaptadas a áreas de inundação.



Fonte do mapa: [https://es.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B3n_del_Litoral_\(Argentina\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B3n_del_Litoral_(Argentina))

Havia muitos palmeirais, alguma vegetação rasteira e arbustiva, mesclando áreas que se assemelhavam à vegetação florestada tropical e outras com feições de savanas. O que mais chama atenção é que, todo tempo, você olha e vê o horizonte lá longe.





Sempre fico pensando sobre como o relevo tem papel importante na nossa concepção de espaço. É bem diferente viver encaixado entre montanhas, em seus vales estreitos, ou em encostas altas ou, ainda, em áreas de largas planícies e planaltos ou, por outro, à beira mar. Já li em frases de poetas ou em textos “mais sérios” que o espírito português e espanhol para a “descoberta colonial” tem muito a ver com a posição geográfica destes países com largas saídas para o Atlântico, com horizontes que se formavam ao longe no mar.

Voltando à Argentina... Passamos pelas províncias de Formosa, Chaco e Santa Fé. À medida em que nos afastávamos da fronteira, depois de percorridos 100 ou 200 km, percebia-se claramente a ampliação das áreas de agricultura, com predomínio da soja e, em segundo plano, do milho e do girassol. Os extensos plantios ampliavam-se à medida que chegávamos perto das cidades maiores – Resistência e Reconquista – onde também estavam as concessionárias de vendas de máquinas agrícolas, as empresas de produção e comercialização de sementes, adubos e pesticidas para o campo.



O que mais me agradou no percurso foi ver como há casas bonitas ao longo da estrada. São residências grandes e bem cuidadas, cercadas por gramados perfeitos e sempre protegidas por um arvoredo frondoso, que contrasta com as extensas áreas de plantio agrícola, nas quais não se perdem cinco metros quadrados para uma árvore.

No Brasil, ao passarmos pelas rodovias, não vemos bonitas casas nas áreas rurais. Quando há sedes de fazendas, elas estão distantes das vias, mas a minha impressão é que, em nosso país, não há mais grandes e médios proprietários morando no campo enquanto, na Argentina, como vimos numa parte do Paraguai, as famílias proprietárias parecem residir na área rural.

A rede urbana nesta região Litoral – trecho entre as cidades de Clorinda e Santa Fé – não é densa, mas na província mais ao sul deste território, que é a de Santa Fé, havia uma densidade maior de pequenas cidades, todas com seus arcos de entrada e muitas placas orientando os motoristas sobre a necessidade de diminuição da velocidade para 40 km/h e até menos, o que contrastava com os trechos entre elas em que muitos carros estavam acima dos 130 km/h, ainda que a velocidade máxima oficial fosse 110 km/h.

Por todo caminho há placas indicando *bodegas* (pequenas vendas), comedores e *kioscos* (pequenas lanchonetes ou birosacas, onde se servem *empanadas* e o que chamaríamos no Brasil de PFs – pratos feitos) e *parrillas* (restaurantes nos quais se prepara a carne na brasa – não é bem o nosso churrasco, mas digamos lá que se assemelha).

Também chamou muita atenção a presença de oratórios – pequenos coretos, alguns de arquitetura moderna, com um micro altar e alguns bancos, destinados, penso eu, aos transeuntes que desejam rezar no meio do percurso rodoviário.

Quanto mais distantes estávamos das cidades, era possível ver com mais frequência pequenos altares adornados com bandeirinhas vermelhas rotas pelo vento e desbotadas pelas chuvas. Depreendi que alguém possa estar enterrado ali, mas não sei se é esta a função efetiva destas demarcações, que chamam atenção ao longe, nas áreas muito planas desta grande bacia do Prata.

Por fim, frisando mais um ponto curioso presente nas estradas argentinas, mostro a foto da placa que aparece, a cada 50 ou 100 km. Pergunto-me o que os ingleses devem achar dela?



Carminha Beltrão

Janeiro de 2016